

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphae Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.



A NEVE E OS POBRESINHOS

Carta Encyclica do Nosso Santo Padre LEÃO XIII, PAPA

PELA DIVINA PROVIDENCIA

Annunciando um Jubileu Universal

A todos os nossos Veneraveis Irmãos, Patriarchas, Primazes,
Arcebispos, Bispos e mais ordinarios em graça e com-
munião com a Sé Apostolica.

LEÃO XIII, PAPA.

Veneraveis irmãos :

SAUDE e benção Apostolica. Apraz-
nos ordenar, com o favor de Deus, pa-

ra o anno proximo, o mesmo que, por
auctoridade apostolica, já ordenamos
primeira e segunda vez; que seja cele-
brado em todo o orbe christão um novo
anno santo, durante o qual sejam abert-
tos para bem de todos os thesouros dos
dons celestes, cuja dispensação preten-
ce à Nossa auctoridade. Não vos pôde
passar despercebida, Veneraveis Ir-
mãos, a utilidade d'esta providencia,
porque muito bem conheceis os tempos
e os costumes; ha porem uma razão es-
pecial que torna hoje mais que nunca

opportuna, esta nossa providencia.—Em
verdade, depois do que vos ensinamos
na Nossa ultima Encyclica, de quanto
interessa ás sociedades aproximarem-se
da verdade e do ideal christão, facil-
mente se comprehenderá como se coa-
duna com o nosso proposito envidar to-
dos os Nossos esforços para attrahir os
homens, ou afervoral-os no exercicio das
virtudes christãs. A sociedade será con-
soante forem os costumes dos povos: e
assim como a belleza d'um navio ou
d'um edificio depende da bondade e or-

denada disposição de cada uma das suas partes, assim também o andamento dos negocios publicos não pôde ser ordenado e justo se os cidadãos não conformarem a sua vida com as normas da justiça. A ordem social perece e com ella tudo o que constitue a actividade publica, se os homens não trabalham na sua realisação: ora os homens costumam imprimir n'aquellas cousas a imagem expressa das suas opiniões e costumes. Para que, pois, os nossos preceitos caem profundamente no seu espirito e, o que mais importa, para que a vida quotidiana de cada um se ajuste com os mesmos preceitos, é sobretudo necessario que cada um se empenhe não só em pensar christãmente mas ainda em proceder como christãos assim na vida publica como na particular.

E n'este ponto o empenho deve ser tanto maior quanto mais numerosos são os perigos que por toda a parte existem. Não-se obliterando aquellas grandes virtudes de nossos paes: correm á rêdea solta as paixões já de si licenciosas: alastrã-se espantosamente a insania das falsas opiniões e quasi não encontra d'que na sua corrente: d'aquelles mesmos que são de ideias sãs, muitos ha que, dominados do respeito humano, não têm coragem para manifestar publicamente as suas crenças e muito menos pratical-as: o influxo dos maus exemplos exerce-se pouco a pouco sobre os costumes populares: as sociedades illicitas que já por Nós foram denunciadas n'outra occasião, perfeitamente conhecedoras de todos os ardis criminosos, trabalham com tenacidade para dominar o povo e para o afastar, o mais que possam, de Deus, da sanctidade dos seus deveres e da fé christã.

Em presença, pois, de tantos males e tão oppressores, que a sua mesma diuturnidade torna ainda maiores, não podemos Nós nada omitir que possa inspirar alguma esperança de salvação. Com este proposito e com esta confiança annunciamos o santo Jubileu, admoestamos e exhortamos a todos aquelles que deveras desejam a salvação da sua alma, a que por um pouco entrem em si, e levantem da terra ao ceu as suas cogitações. E não será isto unicamente um grande bem para os individuos, mas ainda para toda a sociedade civil, por isso que, o que cada um em particular adquirir na perfeição do espirito, redundará em proveito da honestidade, da virtude, da vida e costumes publicos.

Attendei, porém, Veneraveis Irmãos, que tão apetecido resultado depende em grande parte da vossa solicitude e diligencia, que toda ella deve tender a preparar com zelo e cuidado o povo a fim de que dignamente aulira os fructos que lhe são propostos. Negocio é, portanto, mui proprio da vossa caridade e

sabedoria, conliar este cuidado a sacerdotes escolhidos, os quaes por meio de praticas piedosas, accommodadas ao alcance do povo, o instruaem e sobretudo exhortem a penitencia, que é, como diz Santo Agostinho, *a pena que se dá aos bons e humildes peccadores, e na qual, talendo no peccado, dizem: perdoades nos as nossas virridas.* (1) E com justa razão fallamos em primeiro logar da penitencia e castigo voluntario do corpo, que é uma parte d'ella. Bem conheceis o espirito do seculo: a maior parte dos homens vivem a vida molle dos prazeres, nada fazem digno d'um animo varonil e generoso. Estes laes sobre cahrem em grandes misérias, inventam pretextos para se esquivarem ao cumprimento das leis salutaes da Igreja, julgando que ella lhes impõe um onus superior ás suas forças, quando lhes ordena que se abstenham de certos alimentos, ou que observem o jejum em certos dias, bem poucos, do anno. Enervados por este habito, não é para admirar, se se entregarem completamente aos prazeres cada vez mais exigentes e insaciaveis. E' pois, de urgente necessidade trazer a temperança, os espiritos propensos e acostumados á molleza: e por isso, os que houverem de doutrinar o povo, ensinem-lhe com diligencia e clareza que todos são obrigados, não só pela lei Evangelica, mas até pela mesma lei natural da razão, a dominarem se a si e a enfrear as paixões: que só pela penitencia é que se pôde lograr o perdão dos peccados.

E para que seja perseverante esta virtude, de que estamos fallando, não será fora de proposito collocar-a sobre a egide d'uma instituição permanente. Bem sabeis, Veneraveis Irmãos, a que nos referimos: a que caia um de vós, na sua Diocese, tracte de proteger e amplificar a Ordem Terceira, chamada *secular*, dos irmãos franciscanos. E na verdade, para conservar e fomentar nos fieis o espirito da penitencia, são de maximo valor os exemplos e virtudes do patriarcha Francisco do Assis, que de tal modo alliou o espirito de mortificação pessoal com a grande innocencia da sua vida, que se tornou realmente a imagem de Jesus Christo crucificado não só na vida e costumes, mas também nas chagas que divinamente foram impressas no seu corpo. As leis d'esta Ordem, que opportunamente modificámos, são de facil cumprimento e são da maxima importancia para o exercicio da virtude Christã.

E, pois, que n'estas tão urgentes necessidades, assim publicas, como particulares, toda a esperança de salvação está certamente no auxilio e patrocínio do Pae celeste, do intimo da alma que-

remos que reviva o espirito de oração, constante e cheio de confiança. Nas grandes crises da christandade, quando a Igreja se viu affligida com perigos externos ou discordias intestinas, os nossos paes, elevando ao ceu supplicantes preces, deixaram brilhante exemplo, que nos ensina como havemos de pedir, onde a fonte de luz para o espirito, e onde havemos de buscar a energia da virtude e os auxilios necessarios para valer ás calamidades do tempo. Estavam então profundamente gravadas nos espiritos aquelles preceitos de Jesus Christo: *pedi e servos-hi concedido* (1); *é necessario orar sempre e nunca desfaller* (2). A palavra dos Apostolos é um echo fiel d'esta voz: *orae sempre* (3); *exoro-vos, pois, que, sobretudo e antes de tudo, deveis elevar ao ceu supplicações, preces; postulações, acções de graças por todos os homens* (4).

E sobre este ponto é de notar aquella semelhança tão engenhosa, como verdadeira, que S. João Chrysostomo nos deixou escripta: assim como ao homem que nasce nu e desprovido de meios, a natureza deu mãos para que por ellas houvesse o de que necessita para a sustentação da existencia, assim também nas cousas da ordem sobrenatural em que o homem nada pôde por si, concedeu Deus a faculdade do orar, para que o homem, usando d'ella sábiamente, podesse com facilidade impetrar todos os meios de salvação.

Em presença d'isto, bem podeis ávaliar, Veneraveis Irmãos como Nos foi agradável e digno do Nosso beneplacito o zelo que, muito principalmente n'estes ultimos annos, desenvolvestes em propagar, secundando o Nosso impulso, a devoção do Sacratissimo *Rosario*. E não deve passar-se em silencio a piedade popular que se desenvolveu em quasi todos os logares pela practica d'aquella devoção: é porém summamente necessario que esta devoção mais e mais se affervore e se pratique perseverantemente. Nenhum de vós estranhará por certo que tanto insistamos n'este ponto, de que já por mais de uma vez falámos, porque muito bem comprehendéis o quão necessaria é que floresça entre os christãos a practica do *Rosario Mariano*, e optimamente conheceis que é esta practica uma parte e uma formosissima fôrma d'aquelle espirito de oração, de que acima falámos, mui adaptada ás necessidades do tempo, de uso facil, fecundissima em proveito espiritual.

E porque o primeiro e o principal

(1) Math. 7. 7.

(2) Luc. 18. 7.

(3) Ad. Thesol. 5. 17.

(4) Ad. Tbm. H. 1.

fructo do Jubileu deve ser, como acima indicamos, a emenda da vida e o progresso na virtude, entendemos ser de todo o ponto necessaria a fugida d'aquelle mal que especialmente denunciámos nas Encyclicas precedentes. — Falámos das dissensões intestinas e como que domesticas d'alguns dos nossos, que rompem ou affroxam os vinculos da caridade com tão grave deterioramento das almas, que é mui difficil determiná-lo. Por isso novamente Nos dirigimos, n'este logar, a vós. Veneraveis Irmãos, que sois os guardas da disciplina ecclesiastica e d' mutua caridade, porque queremos que constantemente empregueis a vossa vigilancia e a vossa auctoridade em exterminar um tão grande mal. Admoestando, exhortando, reprehendendo, envidae as vossas forças para que todos *sejam sencillos em conservar o espirito de unidade no vinculo da paz*, e se alguns houver que sejam os auctores das discordias, que voltem ao cumprimento dos seus deveres, lembrando-se até ao derradeiro alento de vida que o Filho Unigenito de Deus, no momento supremo das supremas angustias da crucificação, nada mais pediu com mais vehemencia ao Pai, senão que se amassem entre si os que n'Elle acreditassem ou viessem a acreditar, *para que todos sejam um, assim como Tu, Pai, em mim, e eu em Ti, elles sejam um em Nós*.

Por tanto, confiados na misericordia de Deus e na auctoridade dos bemaventurados Apostolos Pedro e Paulo, em virtude d'aquelle poder de ligar e desligar que o Senhor nos conferiu a Nós ainda que indigno, concedemos, em fórma de Jubileu geral, a todos os fieis christãos d'um e outro sexo, plenissima indulgencia de todos os peccados, todavia com a condicção de que d'entro do espaço do proximo anno de MDCCCLXXXVI cumpram as prescripções abaixo declaradas.

Os cidadãos ou hospedes de Roma, quem quer que sejam, devem visitar *duas vezes* as basilicas Lateranense, Vaticana e Liberiana, e ahí devem por algum tempo dirigir fervorosas preces, segundo a Nossa intenção, pela prosperidade e exaltação da Igreja catholica e d'esta Sè Apostolica, pela extirpação das heresias e conversão dos peccadores, pela concordia dos Principes christãos, pela paz e união de todo o povo fiel. Devem além d'isso jejuar em dois dias, usando só de alimentos permittidos fóra dos dias comprehendidos no indulto quadragesimal ou consagrados ao jejum por stricto preceito da Igreja: devem receber, depois de bem confessados, o Santissimo Sacramento da Eucharistia e dar uma esmola, consoante os seus meios, ouvido o conse-

lho do Confessor, a alguma obra pia, que tenha por fim o augmento e propagação da fé catholica. Fica livre a cada um escolher a que lhe aprouver: no entanto especialmente designamos duas em que será bem empregada a esmola, pois que qualquer d'ellas, em algumas partes desprovida de recursos, é altamente proveitosa assim à Igreja como ao Estado, a saber: *as escholas particulares de meninos e os Seminarios para os Clerigos*.

Os que vivem fóra de Roma, onde quer que seja, devem visitar *duas vezes* tres templos designados por Vós, Veneraveis Irmãos, ou pelos Vossos Vigarios ou Delegados, ou, por vosso mandato, por aquelles que tem cura d'almas; *tres vezes* se houver apenas dois templos *seis* se houver um só, devendo porém guardar-se algum intervalo de tempo, e cumprirem as demais obras que acima se designaram. Queremos que a indulgencia possa applicar-se em modo de suffragio pela alma dos que morre deram em união caridade com Deus. Nós vos concedemos a facultade de reduzir, segundo o vosso prudente conselho, o numero das visitas em favor dos Cabidos e Congregações assim regulares como seculares, irmandades, confrarias, universidades, collegios que processionalmente visitarem as mencionadas Igrejas.

Concedemos aos navegantes e viajantes quando regressarem ao seu domicilio ou a determinada residencia, a mesma indulgencia visitando seis vezes a Igreja parochial, e cumprindo as demais obras acima prescriptas. Em favor das pessoas Religiosas d'um e outro sexo, ainda d'aquellas obrigadas a clausura perpetua, bem como de quaesquer outras pessoas assim ecclesiasticas como leigas, encarceradas, doentes ou impedidas por justa causa, se cumprirem todas ou algumas das mencionadas obras, concedemos que o seu confessor possa commutar aquellas obras n'outras de piedade, bem como a facultade de dispensar da communhão os meninos ainda não admittidos à primeira communhão. Além d'isso, a todos e cada um dos fieis christãos, assim leigos como ecclesiasticos, seculares e regulares de qualquer Ordem ou Instituto, ainda que não seja especialmente, nomeado, concedemos a facultade de eleger para aquelle effeito um qualquer sacerdote confessor approvedo tanto regular como secular: d'esta facultade poderão usar as Religiosas, as noviças, e quaesquer mulheres que viverem d'entro da clausura, contanto que o confessor seja approvedo para Religiosas.

Concedemos a todos os confessores unicamente dentro do tempo do

Jubileu, todas aquellas facultades que concedemos por Nossas Lettras Apostolicas *Pontifices Maximi* datadas do XV do mez de fevereiro do anno de MDCCCLXXXIX, exceptuando-se, todavia, todo o que nas mesmas Lettras se exceptuava.

Finalmente, procurem todos com summa diligencia durante este tempo, merecer a misericordia da grande Mãe de Deus, por uma especial devoção para com ella. Collocamos este santo Jubileu sob o Patrocinio da Santissima Virgem do *Rosario*; e confiamos, no seu auxilio que muitos haverá cuja alma purificada pela penitencia, será renovada pela fé, pela piedade, pela justiça não só para penhor da salvação eterna, mas ainda como prenuncio d'uma epocha de paz.

Como penhor d'estes beneficios celestes e em testemunho de Nossa paternal benevolencia, Nós vos concedemos no Senhor, do intimo do nosso coração a Benção Apostolica a vós ao vosso Clero e a todos os fieis confiados à vossa vigilancia.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia XXII de dezembro do anno MDCCCLXXXV, oitavo do Nosso Pontificado.

LEÃO, PP. XIII.

SECÇÃO RELIGIOSA

A Cruz

 gosto de ver a cruz em toda a parte; porque vejo sempre n'ella o preço infinito do meu resgate, o padrão eterno do facto mais extraordinario, que registam os annaes do mundo. Ha perto de dezenove seculos que a cruz foi arvorada no Calvario, e o mundo tem seguido pela esteira luminosa que a cruz deixou apoz de si atravez das gerações, e a historia demonstra que é ficticio, que é só apparente todo o progresso que d'ella se separa.

Eu gosto de ver a cruz no frontespicio das nossas egrejas, elevada, magestosa, furando os ares, como um para-raios nas horas da tempestade, como um anjo de paz, cobrindo a povoação com suas protectoras azas.

Eu gosto de ver a cruz, triste e só, nos alcantis da serra, vestida de musgo, açoutada pelas azas do vento, denegrida pelo furor da procella; como quem vai triste e pesada chorar na solidão os duros e desapiedados golpes com que a feitiu o mundo, mais querendo supportar no ermo o combate dos ele-

mentos do que os insultos dos homens no povoado. Ao vêr assim a cruz triste e poetica no cimo do monte, lembra logo aquelle primeiro monte, onde no principio foi arvorada, e, senão o corpo, ao menos o espirito curva-se reverente deante da cruz, profundamente abalado pelas scenas internededoras do Calvario.

Eu gosto de ver a cruz na parede do cemiterio, á claridade da lua, alvejando entre os cyprestes, drbruçada sobre a campa, como a mãe carinhosa e desvelada debruçada sobre o leito do filho febre-citante, estremeccendo ao mais leve movimento, aguardando-lhe o despertar. Eu gosto de ver a cruz, como o fundamento mais seguro de nossas esperanças, apertada entre as mãos frias e geladas do cadaver, sumindo-se com elle na valla do cemiterio. As lagrimas com que a dor humedeceu a lage do sepulchro seccou-as o sol, os jasmims e os goivos que a saudade alli desfolhou murcharam tambem, parentes e amigos não mais alli voltaram, só alli ficou a cruz, vigilante e desvelada, esperando a Resurreição.

Eu gosto de ver a cruz nas mãos do martyr, salvando-a dos insultos da populaça infrene, segurando-a com denodo até ao ultimo instante da vida; e, quando esta se lhe esvae, no ultimo alento, o martyr aperta ainda contra o peito a cruz, e expira abraçado com ella em extase sublime de amor e ventura.

A cruz é a divinisação dos soffrimentos, todos os que soffrem sentem-se attrahidos para ella. Encontrareis a cruz na cumiada dos Alpes, levantada em pedestal gigante de neve; o viajor perdido sentado no seu poial, abraçado com ella vai pedir-lhe coragem e alento. Encontrareis a cruz na amplidão dos mares, encimando os mastros do navio; é-lhe pedestal o Oceano, entoando-lhe hymnos as vagas, e o navegante exora-a do fundo d'alma, em dor cruciante, nas horas da tempestade.

No meio da vegetação luxuriante do Novo Mundo, encontrareis a cruz no interior da floresta entre festões de louros e de palmas; as arvores agitadas brandamente pela aragem, as avesinhas em seus canticos tristes e melancholicos choram com a cruz.

Salve, ó cruz formosa da Redempção! Beijei-te, ó cruz santa, nos joelhos de minha mãe, quero seguir-te nos caminhos tortuosos

da vida, e expirar abraçado, unido contigo em doce amplexo.

Ave crux, spes unica!

Manteigas 30—12—85

Padre Mendes

O Genio Christão.

Espiritualidade.

QUANDO Plinio (o governador da Bythia, o primeiro que informou oficialmente para Roma o apparecimento do christianismo), com uma imparcilidade que o honra, houve de escrever que nada tinha achado de reprehensivel nos christãos, accrescentou: «A não ser uma superstição delinquente e exaltada.» Estas palavras traduzem a impressão, que o christianismo devia produzir sobre as massas populares e os politicos myopes.

Effectivamente, que loucura n'aquella preocupação exclusiva de Deus e das coisas da vida futura! Que acção podem ter as paixões sobre estas almas desligadas do mundo e das ambições d'elle? Como curval-as ao capricho de um senhor? Como seduzil-as ou aterral-as?

A expressão de Plinio é, sob a forma romana e administrativa, a traducção da palavra de S. Paulo: «A loucura da cruz.»

Conjunctamente no homem dá-se uma alimaria e um Deus: o epicurismo pagão só vivia da alimaria, e punha o raciocinio ao serviço dos seus instinctos, enterrando-o cada vez mais na immundicie; o Evangelho vê no homem o Filho de Deus, e convida-o para mais vasto desenvolvimento das aptidões divinas, que formam o seu patrimonio.

E' facto constante que o homem mede os seus esforços pelos obstaculos e proporciona o seu trabalho pelo fim que deseja attingir, por consequencia, uma vez que tenha feito uma idéa demasiadamente baixa da sua vocação, não é possivel, nem pelo pensamento nem pela vontade, elevar se acima do seu nivel. Elevar ao mais alto grau as nossas ambições moraes, tal foi para a doutrina christã o meio poderoso de avivar ainda mais todos as forças da intelligencia e da razão.

Não é sómente uma soberania sobre a natureza e sobre os animaes, mas é uma união com Deus que nos propõe a nova moral.

Inspirar ao homem, pelo amor de Deus, uma exaltação do sentimento moral que domine os instinctos inferiores e vulgares, em proveito das aspirações ao bem, ao verdadeiro, ao bello: *sursum corda*; eis n'uma só palavra o genio christão: «mais alto, ainda mais alto,» tal é o grito da alma christã,

A esperança não menos entusiasta d'uma vida futura era o fructo natural d'esta fé poderosa em um Deus soberanamente justo e bom.

Esta esperança correspondia com a precisão universal do tempo, essa precisão d'uma emancipação de que se achavam então possuidos quer os individuos quer os povos. A doutrina christã dava satisfação a um desejo apaixonado das almas; e esse desejo referia-se ao destino do homem, ao seu futuro depois da morte, á protecção d'um Deus Omnipotente e justo, que consola o seu fiel adorador nos soffrimentos da vida e principalmente no transitio d'onde ninguem voltou jámais.

N'esto mundo superior e divino, que entrevé o espirito christão, floresce a idéa do direito superior á força: da lei moral mais poderosa que o capricho dos reis; sob a mesma inspiração se ha de desenvolver, na idade media, a paixão da dedicação manifestada nas ordens cavalleirescas e emfim o sentimento da honra, coisa ainda mais cara do que a propria vida.

Mas se esta exaltação moral era um facto consummado já na alma dos Apostolos, era ainda preciso muito tempo, e muita reflexão, para a si attrair a sociedade christã e inspirar-lhe a consciencia. Para isto conseguir, o ensino popular poz desde então em relevo dois traços principaes, que prendiam os olhares aos mais indifferentes: a unidade pessoal de Deus, a un'idade do symbolo da cruz.

Que simplicidade pratica n'esta substituição d'uma só idéa e d'uma só imagem aos fastos infinitos e ao museu caprichoso dos deuses do polytheismo!

Sem contestar a importancia e a elevação da sã sciencia, é força confessar que a sciencia em geral faz muito pouca coisa pela vida e felicidade da humanidade: o que fará á immensa maioria da gente a concepção da lei da gravitação ou a explicação dos phenomonos da electricidade?

Quantos millões de homens vivem e morrem sem que isso lhes dê o menor cuidado? Mas o dever, a felicidade, a vida futura, que coisas interessantes para todas as creaturas humanas! E é precisamente sobre o dever, a felicidade e a vida futura, que a doutrina christã propõe certas soluções, que as intelligencias mais simples podem comprehender e apreciar,

O Evangelho offerece-nos um ensi-

no elementar sobre a nossa natureza, a nossa origem e o nosso fim; elle resolve todos os problems essenciaes da razão sobre o mundo moral e resolve-os com cabal satisfação da razão.

*
*

Mas em que se produz o mais brilhante triumpho do espirito do Christo é na sua lucta contra os quatro inimigos naturaes do homem: a infelicidade, a doença, a velhice e a morte. Só o christianismo é que nos fornece para este combate as armas mais aperfeçoadas, isto é, as que conduzem á victoria: a paciência, a resignação e a esperança em Deus.

O christianismo mostrou ao homem, que a sua infelicidade vem principalmente da loucura, com a qual, multiplicando os meios de prazer, elle multiplica os seus desejos, e consequentemente, as suas occasiões de fome e de soffrimento. Que maravilhoso *sursum corda* que esta affectuosa nota solta ao ouvido d'uma das santas mulheres.

«Martha, Martha, tu te agitas por muitas coisas, quando só uma é necessaria.»

Contra a doença e contra as angustias da morte, a sciencia não acha nunca senão magros palliativos: d'uma efficacidade sem equal só ha um remedio,—a esperança christã, que faz descobrir, para além do tumulo, a aurora d'uma vida nova: consolação suprema, que satisfaz, quer a razão, quer a sensibilidade.

*
*

Toda esta renovação da humanidade na vida individual tem a repercussão na vida social; mas a renovação christã não se assemelha em nada com as más acções do espirito anarchista.

O christianismo não destroe; reforma.

Artificio da vida e não da morte, havendo achado na sociedade antiga a familia, a metropole, a religião; as conserva para regenerar-as. Portanto, que se não engane alguém acerca da severidade do Christo com relação aos ricos; que não possa desculpar-se ou animar-se os rivaes desejos dos pobres. Se elle diz aos ricos: dae uma parte dos vossos teres aos pobres; não diz nunca aos pobres: tomae o que vos não pertence. A todos elles recommenda a caridade.

*
*

Uma vez posta a lei da caridade, a mão do Christo allivia o jugo que pezava sobre a cabeça dos fracos e dos pequenos d'este mundo: a mulher, a creança, o escravo, o pobre.

Foi elle quem veiu á terra trazer a liberdade; por elle o cidadão deixou de

pertencer ao Estado, para a si mesmo pertencer-se e poder disfructar dos fructos do seu trabalho.

Antes do Christo, o mundo não conhecia senão de nome a liberdade: a liberdade era o privilegio d'uns poucos para a oppressão dos outros. A verdadeira liberdade fundada sobre o sentimento da dignidade do ser humano exigia por antecedente a caridade christã.

Na vida publica, o Evangelho impunha aos homens este programma de governo, que mais tarde Constantino tentou realizar, quando tratou, como elle o diz, «de estabelecer entre os homens o accordo sobre o culto de Deus,» certo que «a administração dos negocios publicos colheria o fructo d'isso por uma transformação adequada aos sentimentos religiosos e a todos os povos.»

Efectivamente, a unidade de doutrina e de culto instituia acima de tudo a ordem e o respeito á ordem, que é a vida mesma dos Estados. Portanto, foi com razão que se dissera que pelo «dae a Cesar o que é de Cesar,» o christianismo fôra a maior escola de respeito, que jámais houve no mundo.

Que estranha aberração dos que se dizem amigos da liberdade, permanecendo inimigos do christianismo!

J. C. de Faria e Castro

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

VIII

Autenticidade do Evangelho

(Continuado do n.º antecedente)

CONTAM-SE as fraquezas, a ignorancia, a humilde profissão e origem dos varões apostolicos. S. João refere nos com a mais digna franqueza e singeleza o seu ambicioso desejo de occupar o primeiro posto na monarchia do Jesus. S. Matheus não occultava a sua infamada profissão de publicano, o medo que se apoderou de todos elles ao verem preso seu Mestre, e o abandono em que todos o deixaram, assim como a pusillanime e tres vezes repetida negação de Pedro. S. Lucas nem sequer omittiu a disputa que se suscitou entre os Apostolos sobre qual d'elles deveria ser maior; e em S. João refere se igualmente a incredulidade de Thomé e a sua inconveniente obstinação.

Não pode crêr-se razoavelmente que o texto primitivo dos Evangelhos fosse, como supõem os incredulos: por-

quo semelhantes variações, indifferentes aos judeus e gentios, só poderiam ter sido realisadas por unanime conformidade dos christãos, que achando-se espalhados pelas nações mais remotas era impossivel poderem combinar-se naquella epocha de communicações tão difficeis; e se os bispos tivessem adoptado uma resolução tão grave, ella seria necessariamente conhecida, como todas as decisões accordadas no primeiro concilio de Jerusalem.

Alguns herejes alteraram os livros sagrados, mas a falsidade descobriu-se promptamente, e não existe d'ella outra recordação que o nome dos falsificadores severamente censurados.

Tertulliano repelliu o falso Evangelho de Marcion dizendo-lhe:

«Só reconhecemos aquelles escriptos que nos vem dos Apostolos. O vosso é novo e posterior á verdade, e porisso o repellimos sempre, mantendo os que recebemos de nossos Paes (1).»

A mesma sorte tiveram as falsificações de Cerintho e Ebion, de Apelles e Basilides, e dos Manicheus, Simonianos e Cainitas, sendo até condemnadas não poucas lendas publicadas com mais devoção que verdadeira critica e prudencia (2).

Tão grande foi o esmero com que era conservada a pureza das Sanctas Escripturas, que Origenes publicou um livro intitulado *As Hexaplas*, em cujas seis columnas apparecem o Antigo Testamento em hebreu e em grego, e segundo as traducções dos setenta interpretes, de Theodoto, de Aquila e de Sepnaco, com o fim de comparar textos tão auctorizados. Este trabalho revela todos os cuidados, e a minuciosa exactidão e precauções que a Igreja empregava para conservar sem alteração alguma as suas Escripturas.

A mesma esmerada e esmerada vigilancia se exercia para conservar a pureza dos primitivos livros evangelicos, cuja falsificação era impossivel, porque aquelles livros foram a leitura ordinaria não só do clero, mas tambem dos leigos, e os seus originaes

(1) *Ade. Mar.* liv. IV, cap. III.

(2) Carta de Jesus a Abgar.—Carta de Pilatos ao Imperador a respeito da morte de Jesus (que costumam publicar os periodicos na semana sancta).—Evangelho da infancia de Christo.—Proto-evangelho do Santiago.—Algumas cartas da Virgem.—Differentes lendas a respeito de Martha, do Longuinho, da Veronica e de José de Arimathea, que, segundo se supõe, instituiu em Inglaterra a ordem de cavallaria á qual chamavam o São-Graal.—O Judeu errante, lenda antiga e popular que deu o nome á novella moderna, mais digna de censura pela sua impiedade e opposição á Igreja catholica.—Forum repellidos pela Igreja trinta e nove Evangelhos apocryphos ou adulterados.

verdadeiramente auctorizados eram cuidadosamente conservados nas primitivas Igrejas de Jerusalem, Antiochia, Roma e Alexandria.

Os Apostolos e seus discipulos, bem como os santos, Lino, Cleto, Clemente e os mais pontifices do segundo seculo, cuidaram esmeradamente de zelar a integridade das Escripturas, porque consistia n'ella a união das crenças.

Só desconhecendo a historia a historia da Igreja e a sua antiga disciplina, poderá admitir-se a possibilidade de ter sido adulterado o Evangelho; e se esta suspeita fosse razoavel, seria logica igual supposição e duvida sobre quantas obras escreveram todos os poetas e prosadores que floresceram nos seculos passados.

Os incredulos rejeitam o testemunho que se allega de escriptores ecclesiasticos sobre a antiguidade do Evangelho, não reflectindo que a critica historica destróe o seu argumento d'elles, pois em tal caso nenhuma fé nem credito mereceriam os auctores que escreveram a historia patria; e aqui somente se debate um facto historico, e a antiguidade d'um livro conhecido em todos os paizes que receberam a brilhante luz do christianismo.

Deve, além d'isso, considerar-se que os primeiros fieis não abandonaram as suas crenças judias e pagãs, sem examinar muito de espaço a nova religião, que teriam rejeitado ao encontrar n'ella semelhantes artificios.

Não foi o sensualismo nem vantagem nenhuma pessoal a causa das suas voluntarias conversões: os primeiros fieis renunciaram espontaneamente aos gozos e prazeres auctorizados por aquellas falsas crenças que elles deixaram para adoptar a sancta austeridade do Evangelho, expondo-se ás perseguições mais ferozes e a martyrios crudelissimos: foram seu campo de gloria os horribéis calabouços e a fogueira, o patibulo cruel e o barbaresco amphitheatro em que pereciam devorados pelas feras esfaimadas e ferozes: não pode crêr-se razoavelmente que semelhantes homens se convertessem a uma religião que empregasse superstições indignas da sua moral sancta e sublime.

Não esquecemos a auctoridade e o testemunho dos inimigos da Igreja, Celso e Porphyrio nada tiveram que dizer contra a authenticidade dos Evangelhos. Leam-se os escriptos de Juliano, em que para impugnar a divindade de Jesus Christo, o seu auctor cita com frequencia os Evangelhos escriptos por S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas, prova clara de que elle não desconhecia os ditos livros.

Celso e Porphyrio, Juliano, Hiero-

cles e Laviano contam os milagres de Jesus, cuja morte Tacito refere; Josepho falla do recenseamento ordenado por Augusto, da pregação e da morte do Baptista e da ressurreição do Redemptor; em Calcidio recorda-se a apresentação dos Reis Magos em Bethleem, e Celso diz que a sagrada familia fugiu para o Egypto. Onde leram elles estes factos que com tanta exactidão referem? Examinem-se detidamente todas as obras que os escriptores citados compuzeram impugnando a nascente Igreja, e as contestações judiciosas dos Sanctos Padres, e achar-se-ha em todas frequentes citações dos textos evangelicos. Não é verdade que só possa provar-se a authenticidade de tão preciosos livros com o testemunho de escriptores christãos. (Continúa.)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO CRITICA

O discurso da corôa

Pois que houvera reforma na Carta, é justo que no discurso da corôa se fizesse tambem sentir alguma reforma, como de facto se notou este anno.

Nem sempre as mesmas prosperidades, nem sempre as mesmas relações de amizade entre os monarchas estrangeiros.

Reformas, querem-se reformas, e louvores a Deus, que as tivemos no discurso de S. M.

Ainda bem.

Magoa-nos, porém, o ver que para se notar differença entre o discurso d'este anno e o dos annos anteriores, fosse necessario que duas cabeças coroadas se escondessem por traz dos tumulos, e que o discurso do throno ao fazer reforma, se tornasse n'um verdadeiro necrologio, como disse um jornal que temos á vista.

S. M. o Sr. D. Luiz rompe por chorar a morte de seu augusto Pae, e a de seu amigo e parente D. Affonso XII, de Hespanha, e, porque teve de annunciar os pesames que recebeu de varios monarchas, já que estava com a mão na massa, como é costume dizer-se, annunciou tambem as boas relações que existiam entre as diversas cortes e governos.

O «Jornal da Manhã», de dez reis, lastimou, se não censurou, que o monarcha não fizesse

mensão da travessia de Africa, realisada pelos exploradores Capello e Ivens, censura que nós repellimos e não deixamos que enodôe o proceder constitucional de El-Rei. Desde que o discurso da corôa se converte n'uma peça, para assim dizer incolor e incharacteristica, como o mesmo «Jornal da Manhã» confessa, que valia nos exploradores o serem lembrados pelo sr. D. Luiz no discurso da abertura das camaras? Se estamos fartos de ouvir dizer ao monarcha que é prospero o estado da fazenda publica, que as atenções dos governos vão convergir todas para melhorar o estado das nossas colonias, e mil outras esperanças promessas, que nunca se realisam, o fallar de um facto que todos conhecemos, que todos temos por verdadeiro, seria tornal-o duvidoso, e faria reperguntar, áquelles que costumam ler os discursos da corôa, se com effeito existem os exploradores Capello e Ivens, e se de feito elles foram e vieram da Africa.

Bem andou o auctor do discurso em não fallar de verdades conhecidas por factos, e por assim o julgarmos aparamos a censura do jornal portuense, para que não fra a pessoa do Rei.

No discurso de S. M. temos nós tambem de fazer alguns reparos, se n'isto não offendemos a pessoa do Monarcha, nem vamos de encontro ás leis que *felizmente* nos regem.

El-Rei disse:

«No intuito de garantir o paiz da invasão do cholera-morbus, que tem assolado diversas provincias de algumas nações da Europa, e especialmente o reino vizinho, tomou o meu governo medidas rigorosas no uso da auctorisação que lhe foi concedida pela lei de 27 de junho ultimo.

Por effeito d'essas medidas, ou porque assim aprouve á Divina Providencia, terminou o ultimo anno sem que o paiz fosse atacado d'essa cruei epidemia.»

A duvida em que está S. M. de, se seriam as bayonetas dos seus soldados, ou a Divina Providencia, que livrou Portugal do cholera, é que nos magoa, e, se n'isso não vae perigo, aconselhavamos ao Sr. D. Luiz I a que submettesse ás camaras, ao conselho do Estado, ou a qualquer conselho esta gravissima questão, e isto para desfazer enganos do nosso povo.

Sim, Senhor; o povo fez procissões, o clero cantou *Te-Deum*, tudo em acção de graças ao Todo Poderoso por nos livrar do cholera, e se V. M. está em duvida e a questão se decide a favor das bayonetas, estas devem andar em procissão, e, como reconhecimento, já que se lhe não pôde cantar *Te-Deum*, devem, pelo menos, mandar que se amolem de novo.

É forçoso dar-lhe alguma recompensa, se é que se lhe não deu já, obrigando os soldados a trazel-as á cinta constantemente.

Esta duvida na consciencia de um Rei catholico não fica bem.

Disse tambem S. M.:

«Apresentarvos-ha tambem (o governo) algumas propostas de lei, que, sobre as bases dos actuaes impostos, simplificando o seu lançamento, e fazendo-lhes adquirir maior elasticidade, tendam a produzir mais receita...»

Estamos bem arrançados, se os impostos commecam a ser elasticos!...

Elles, assim como eram já se puchavam bem, e sem quebrarem; que fará se chegam a ser elasticos, como são elasticas as barrigas de quem os lança?

Mas, em todo o caso, como nem tudo que se diz é verdade, digamos como os auctores do juizo do anno.

Deus sobre tudo.

Elias de Sampaio.

Atrevez os jornaes de 40 reis

HA para tudo nos jornaes das ruas. Apologistas dos fajardos os encontraremos se bem os procurarmos. O *Correio da Manhã*, que, se nos não enganamos, é folha do Sr. Pinheiro Chaga, ministro da Marinha, o por elle redigida, fallando ha dias das *partidas*,

nenhuma responsabilidade—que sefizesse ministro.

Se o homem resasso, fosse á missa todos os dias, então merecia bem uma cadeia; mas como é um fajardo...

Dos jesuitas, isso então, é que todos os jornaleros da de X são inimigos.

O *Jornal da Manhã*, do Porto, fallando ha pouco do Padre Anderledy, sueturo Geral da Companhia de Jesus, rematava o seu aranzel com estas palavras:

«A terrivel companhia soube, como sempre, escolher mãos de superior habilidade para lhes confiar o governo supremo da ordem, e homem de capacidade transcendente para elevar á dignidade do «papa negro».

Porque chamará *terrivel companhia* a essa phalange aguerrida da Egreja, o jornal das ruas? É porque lhe merecerá o nome de *papa negro* o que ha-de ser ou é já valoroso commandante d'esse exercito valorosissimo chamado a Companhia de Jesus? Será o Padre Anderledy algum ignorante, cujo principio fosse vender jornaes os dez reis, e que depois, pela sua astucia podesse tornar se digno a um lugar iminente?

Não. O *Jornal da Manhã* não gosta dos jesuitas, porque os jesuitas são homens grandes, e não gosta do

Padre Geral dos mesmos, porque é digno de governar homens superiores. É para prova do que deixamos dito, transcrevemos do mesmo *Jornal da Manhã* o seguinte *suelto*, que dá uma ideia palida, froxa, incompleta do que seja o Padre Anderledy.

Diz pois o jornal de dez reis, referindo se á approvação de Sua Santidade para a eleição do Geral dos Jesuitas:



AS ALEGRIAS DE UMA MÃE

a que nós chamamos fajardisses, de um tal *Fisico*, que tem entrujado meio Portugal, rematava com grande pezar seu, com estas palavras:

«Ora, francamente, depois de tudo isto, ha-de se meter este homem, que tem d'estas partidas, na cadeia?»

Essa é boa! Nós aconselhavamos que se fizesse d'esto um empregado de grande responsabilidade, ou então de



«Leão XIII apressou-se a rectificar aquella escolha, justificada pelo notavel talento, pelo apostolico, grande illustração e variadissimos conhecimentos linguisticos do eleito. Além das linguas antigas, o padre Anderledy conheco admiravelmente a franceza, italiana, ingleza, alemã e hospanhola.»

D'aqui a zanga da Revolução, o odio aos Jesuitas, porque são sabios, porque são grandes, porque ninguem se lhes avanta em nenhum ramo da sciencia.

Querem vêr o jornal de dez reis malcreado, sem respeito pelos principios, como não tem respeito pela Igreja? Leia-se o *Protesto operario*, por occasião da morte de El Rei D. Fernando, e concordarão com a nossa opinião, e aconselharão a todos que não paguem para a propaganda de taes publicações, por isso que são inimigos de Deus, da sociedade e dos reis.

Dizia o jornal republicano:

«A sua morte não nos arrancou lagrimas, nem nos despertou rancores.

Foi um homem que morreu. E a chronica, archivando a noticia, só pôde acrescentar-lhe estas palavras: — um homem que foi rei, como podia ser outra qualquer coisa. Ferro velho, por exemplo.»

Já viram um tal desrespeito pela memoria de um principe, que tem ainda vivos os filhos, um dos quaes é Rei de Portugal?

São os jornaes baratos!

Dissemos que os jornalistas, que vendem as noticias a dez reis, não tem respeito pela Igreja, vamos provar-o, com documentos tirados dos mesmos jornaes. Quando appareceu a *Encyclica de S. Santidade—da constituição christã dos governos*, essa infenidade do folhas diarias, que não foi capaz de publicar a dita *Encyclica*, notavel documento, que mostra a illustração, a sabedoria e as virtudes do Chefe da Igreja, tiveram deos-tos que lhe arremeçaram, e afinados todos pela mesma clave censuraram, ou criticaram o Papa!

A *Folha do Povo*, por exemplo, que nem leu, nem de certo entenderia a *Encyclica* se a lesse, pategou n'um artigo da forma que segue:

«Deduz-se d'este documento, (da *Encyclica*) modelo de hypocrisia e de manha jesuitica, que os povos nada-vam em venturas no tempo em que a igreja, de accordo com os reis, tornavam o povo escravo.»

Nem leu, a *Encyclica* nem a saberia ler um tal moinho de dislates.

Vejam os outros. Seja o *Seculo*, o grande *seculo*. Diz:

«A nova *Encyclica* de Leão XIII parecendo querer contemporisar com as ideias novas foi uma manobra dos Jesuitas, e não houve por cá ninguem que o não percebesse.»

Podera! Pois com gente tão fina como a do *Seculo*, que descobre um Jesuita na mais branda aragem, não haviam de conhecer na *Encyclica manobra dos jesuitas!* O que nos admira é o *Seculo* não ter dado parte á policia, e aos poderes publicos de que a *Encyclica* troxera para Portugal caradas de Jesuitas!

O *Primeiro de Janeiro* tambem botou falla sobre o assumpto, e, francamente, esto arruaceiro do lado de cá do Douro foi eloquentissimo! Pena é que não fizesse uma edição de luxo do seu artigo!

Havia ser procurado aos milhares!

Dizia elle, o *Janeiro*:

«A conclusão d'estes principios (os aconselhados e proclamados pela *Encyclica*) é a proclamação da religião do estado e a sujeição dos actos do estado christão ao fim supremo da defeza, propagação e triumpho universal do catholicismo.

Ponto de partida, a verdade religiosa. Mas ha nada mais inevidente do que são as cousas da fé?»

Coitado do pobresito do homem! Não acha nada mais inevidente, isto é menos claro, mais obscuro do que as coisas da fé! Poçamos ao Senhor que converta este hereje, que vende as heresias a dez reis, e que nos livre do *Primeiro de Janeiro*, mesmo com enbrulho de salça parrilha.

Tambem o jornalismo de dez reis, tem o asneiar que não tem outra classificação, e está n'este caso a *Voz do Operario*. A proposito do testamento de El Rei D. Fernando, e sem saber com que cartas, dizia:

«O povo já sabe ler, já sabe pensar, já sabe discernir.

«Comprehende perfeitamente o que se passa na putrida esphera da politica orthodoxa.»

Politica orthodoxa! Essa não é má! Pois o auctor do artigo de um jornal que se diz para o povo, e que affirma que o povo sabe ler; como o ha-de provar, se elle proprio não sabe ler?

O auctor do artigo sabe o que quer dizer a palavra orthodoxa? Não sabe, porque, como é a *Voz do Operario* não terá com que comparar nem ao menos um *Diccionario do Povo*, dos que custam 600 reis e por isso lhe vamos dizer o que o dito diccionario, diz que seja orthodoxia. Diz elle, paginas 528, 2.ª columna:

«*Orthodoxia*, S. f. Conformidade de opinião com a doutrina da Igreja.»

Ora confundir doutrina da Igreja com politica é erro de grande tamanho, e por tanto vamos ver quem firma o artigo a que nos referimos.

Angelina Vidal

a mulher das ruas, dos commcios, e que pode servir tambem para as barricadas. Não admira que não saiba portuguez.

Ignorantes alem de maus!

Esta secção será sempre assignada, como temos assignado poucos artigos em dous n.ºs do *Progresso Catholico*, com a inicial.

Z.

SECÇÃO LITTERARIA

Melancholia

Não sei que maga aspiração etherea, que vago enleio, que pesada cruz, me pões no peito, quando a tarde placida, desmaia alem, em diffusões de luz.

Desprega as azas, a minh'alma sôfrega, demanda os climas de um sonhado encanto! Cerras-lhe o ceu, que ella advinhava esplendido, molhas-me os cilius de amargoso pranto!...

Eu passo e scismo! A doida mente enleia-se, na onda aerea do teu branco veu! .. Retinem sons no campanario rustico; treme, em meus labios, a oração do ceu!

Mas ainda humidos, meus olhos voltam-se, buscam um rasto, e seductora luz; e a tua imagem surge doce e pallida, além no adro, aos pés da triste cruz.

Ergue um parente a fronte extincta, gélida, regando extremos de saudade infanda; ergue-se o espectro de visões chimericas, da fama doida, que na tumba linda.

Entre a folhagem, passa a brisa aligera; não sei que accents, que rumor fluctua! Na linha vaga dos outeiros tumidos, suave e meiga, lá desponta a lua!

Mas nos lampejos do luar suavissimo, no ruido leve, que o rosal desprende, ha eccos vagos, ha reflexos misticos, vago poema, que ninguem me entende.

Não sei que estranha aspiração etherea, que voz saudosa, que violento espinho, me punge os seios, quando á tarde, tremulo, passo na varzea, a suspirar sósinho!...

1876.

Mattos Ferreira.

prior em Cintra

Ruínas do Passado

(A meus extremosos Paes)

Em frente das paredes derrocadas
D'um antigo mosteiro venerando,
Parei, analysando as mutiladas
Reliquias d'um passado memorando!

Estremeci, chorei até do dor
Vendo então despresadas, confundidas
As ossadas dos filhos do Senhor
Entre rumas de pedras denegridas!

Estava ali a pagina da historia
Mais infausta que tem a patria minha
P'ra vergonhosa e publica memoria!

Padrão p'ra mostrar á posteridade,
Que era falso o governo que nos vinha
Escravisar co'a mesma liberdade!

Bougado, agosto de 85.

M. M.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

A neve e os pobresinhos

As nuvens sacodem-na sem piedade por sobre os infelizes, não lhe deixando um pequeno torrão sem neve, onde elles, os desgraçados que não tem lume, possam pousar os pés! Mas em casa não ha lume, não ha pão, não ha nada que possa aquecer o estomago, gasalhar os membros hirtos de frio. E' forçoso deixar a pobre casa coberta de palha e ir, por essas aldeias fora pedir pão e lenha.

Mas a neve caía a largos flocos, e o vento rijo do Norte regela os membros dos pobresinhos. E' forçoso ir, deixar a casa humilde e procurar pão e lume. E lá vão, mãe e filho, calcando o gelo dos caminhos em busca do que lhe falta, do que não podem obter sem ir bater á porta do rico!

E foram, a mãe com um pequeno cestinho, em que foi lançando os pequenos fragmentos da rama das arvores, que o vento desprendera, e o filho, hirtos, com olhar pasmado para todos os lados, desejoso de chegar a casa, para matar a fome, com o pão que o grande da terra mandara dar á pobre mãe. Em quanto a miseria tiritada de frio cá fóra, onde a neve chove, no palacio que fica perto ha a abundancia, o superfluo, o que sobra, e

que daria a abundancia a tantos infelizes! E o senhor das riquezas não vê o pobre, o seu irmão que tem fome, e manda-lhe um pouco de pão!

Quando chegarão os ricos a comprehender as leis do Divino Mestre, para não deixar ninguem ter fome?

A nossa primeira gravura dá uma ideia d'um d'esses muitos quadros que se nos offerecem nas aldeias e nas grandes cidades, quadro que nos contrista, que nos faz pena.

Os pobres, quem não ha de ter compaixão dos pobres!

II

As alegrias de uma mãe

Bem mais alegre o quadro que a nossa gravura representa.

Uma mãe, sem ser tão pobre como a do quadro anterior, mas a quem, ainda assim, não sobra nada, tem todas as suas alegrias no filhinho que estremece, por quem dava a vida, porque elle é todo o seu prazer.

A nossa segunda gravura representa-a de manhã, na occasião em que vac vestir o filhinho. Desde pequenino lhe quiz ensinar a louvar ao Senhor, como deve fazer toda a boa mãe, e para que elle melhor aprendesse os ensinamentos que a boa mãe lhe infiltrara na alma, sempre lhè promettia uma prenda qualquer. D'esta vez foi um biscoito o que a mãe prometteu á creancinha se ella dissesse sozinha o Padre Nosso.

A creancinha, como costumava, ajoelhou-se na pequena caminha, ergueu as mãosinhas para o céu, e resou:—«Padre Nosso que estaes no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, e seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.»

A mãe louca de alegria apertou ao seio o filhinho que lhe dava mil beijos sem se esquecer do biscoito que a mãe segurava n'uma das mãos.

Foi de grande felicidade aquelle dia para a mãe feliz, que todas as manhãs fazia o menino repetir a mesma lição.

Que santas alegrias as das mães, que se julgam felizes em ter filhos educados nos principios christãos!

Deus queira que o entretenimento que tinha a mãe de quem nos occupamos, seja o de todas

as mães; pois que sendo assim, bons devem ser os filhos, boas devem ser as sociedades.

R.

SECÇÃO NEGROLOGICA



Está enlutado um assignante e amigo do «Progresso Catholico», o Exc.^{mo} Sr. Diniz da Costa Santiago, pelo fallecimento de sua mãe estremosa a Exc.^{ma} Sr.^a D. Isabel Julia de Sousa Santiago, occorrida a 29 de dezembro passado, na casa da Lama, a pequena distancia de Guimarães.

Acompanhamos S. Exc.^a na dor que ora lhe opprime o coração de filho, e damos-lhe a prova do nosso pesar, e dos leitores imploramos as preces costumadas pela alma da illustre finada.

Outro assignante e tambem dedicadissimo amigo da nossa Revista se acha envolto nos crepes lutuarios, pelo passamento de uma tia, em Alcaravella, senhora de reconhecida piedade. e que por isso estará na patria celeste rogando por todos nós, que por sua alma nos lembrarmos. Offertamos-lhe, pois nossas orações, que sem recompensa não ficarão.

Ao nosso fervoroso amigo e do «Progresso Catholico», os mais sentidos pesames.

E' de um nosso amigo e amigo tambem da causa que representamosna imprensa o seguinte escripto, cuja publicação não podemos recusar:

Necrologio

Lei fatal dada por Deus ao genero humano em castigo da desobediencia dos nossos protoparentes.

Sim, a negra e crua morte não olha a rico nem a pobre, a grande ou pequeno, sabio ou ignorante, virtude ou vicio.

Não se importa com os carinhos e cuidados da familia nem com os cuidados da sciencia.

Não a commovem a desgraça, a miseria e as lagrimas dos que ficam nem o velho indigente, o tenro orphão que ficam sem pae, sem mãe, sem protectores e sem pão.

Elle tem os olhos fixos na ampulheta anciosa que ella conte o ultimo momento da existencia deixando cair o ultimo grãozinho d'areia para desapidadamente descarregar o golpe fatal

Ella entra com o mesmo desasombro no grande e luxuoso palacio como no humilde e pobre albergue; no religioso claustro como no mundo, no povoado como na solidão. O Rev.º P.º Manoel Alves de Castro já não existe, já pagou o seu tributo á morte, o seu corpo frio já baixou á sepultura.

Este doloroso acontecimento vem enlutar a minha alma a ponto de cair insensivelmente a penna da mão, alquebrarem-se-me as forças, perderem suas forças os musculos e a minha imaginação perturbar-se.

Tal é a dor que em mim produziu a morte do Rev.º P.º Manoel Alves de Castro.

Passou o seu desterro n'este valle de lagrimas fazendo bem.

Tinha um bom coração e uma alma forte e bem formada.

As agudas dores que por tres vezes o poseram á morte, já quando se lhe arreventou uma arma nas mãos, já quando um espinhó de laranjeira lhe arruinou a saude já d'esta ultima vem, que Deus determinou ser a ultima, soffreu-as com uma paciencia e resignação dignas de ser imitadas e com as mesmas virtudes soffreu os reverses da fortuna.

Da sua bondade dá testemunho o clero de quasi toda a provincia ou para melhor dizer toda a diocese bracarense, mas com especialidade o do Alto Minho.

Nasceu na freguezia de Cambazes do concelho de Monsão; estudou com grande aproveitamento os preparatorios mas no que mais se distinguiu foi no conhecimento da lingua latina.

Depois d'ordenado foi nomeado Prefeito Procurado do antigo Seminario de S. Pedro depois foi nomeado professor do mesmo; sendo quasi pelo mesmo tempo nomeado professor do Lyceu Nacional de Braga aonde ultimamente exercia o cargo de Secretario.

Não tenho em vista com estas linhas engrandecer o meu sempre chorado bemfeitor P.º Alves!, não!, eu só viso patentear publicamente o meu profundo e eterno reconhecimento e ao mesmo tempo desabafar a minha dor porque *anima mea turbata est valde*; e eu estaria inconsolavel senão tivesse, como effectivamente e felizmente tenho com quem repartir a minha dor.

Nada mais me resta do que pedir por caridade aos bons e religiosos leitores do «Progresso Catholico» o favor de fazerem subir ao throno do nosso Pae bondoso uma supplica ardente pelo eterno descanso do Rev.º P.º Manoel Alves de Castro.

Aos irmãos do illustre finado apresento os sentimentos verdadeiros da minha condolencia.

Oremos pelo seu eterno descanso:
P. N. A. M. *Requiem eternam.*

Rendufe, 5 de janeiro de 1886.

P.º Manoel Rodrigues Cachiço.

RETROSPECTO DA QUINZENA

ESTIVERAM em Guimarães, e honoraram o escriptorio do «Progresso Catholico», os Revd.ºs snrs. Padre Bento José da Cruz Barros, missionario; Abade Antonio José d'Oliveira; e os Exe.ºs snrs. Antonio Alves Pereira de Magalhães e Moura, Arnaldo Alves Torres, o Joaquim Per ira de Mattos, assignantes todos da nossa Revista, e d'ella amigos, como o são nossos.

Publicamos hoje a notavel Carta Encyclica do Nosso Santo Padre Leão XIII annunciando o jubileo do anno santo, igual ao que já S. Santidade se dignara conceder ha poucos annos.

Chamamos para esse documento a attenção de todos os leitores, para que não percam occasião de alcançar tantas graças.

Foi com o maior jubilo que lemos no «Catholico», presado collega nosso do Angra do Heroismo, a seguinte agradabilissima noticia:

«E' nos summamente agradavel poder noticiar a s nossos leitores que continuam a progredir as melhoras do exe.º o revd.º senhor Bispo.

O venerando Prelado já se levanta da cama, ha dias, não saindo ainda dos seus aposentos; e o seu estado de abatimento, ainda que excessivo não é tão desanimador.

Deus nosso Senhor vigorise pela Sua Misericordia infinita aquellas preciosas melhoras que se nos apresentam tão auspiciosas.»

Secundando os desejos do nosso collega, juntamos ás suas as nossas preces, e louvamos ao Senhor nosso Deus, por nos dar a consoladora noticia que ahí fica.

A S. Exe.ª Revd.ª damos os nossos parabens pelas melhoras obtidas do Ceo, e esperamos no Senhor, que em

breve noticiaremos o completo restabelecimento de tão venerando Prelado.

S. Exe.ª Revd.ª o Snr. Bispo Conde de Coimbra, em resposta á manifestação que dirigira a Sua Santidade, depois de recebida a *Encyclica Immortale Dei*, mereceu a seguinte contestação de S. Exe.ª o Snr. Cardeal Jacobini:

«Ill.º e Rev.º Sr.

Na adhesão tão plena e obsequiosa á doutrina e norma seguida por Sua Santidade na ultima Encyclica — *Immortale Dei* — qual é a que V. Sr.ª Ill.ª e Revd.ª presta na mensagem que sujeita ao meu parecer e inclui na sua carta de 28 do passado novembro, não podia deixar de dar a Sua Santidade agradavel satisfação e sentida complacencia.

Não hesitei por isso em pôr nas Suas veneraveis Mãos o referido documento. E com muito prazer cumpro as suas soberanas ordens, louvando V. Sr.ª Ill.ª por esta nova homenagem rendida á auctoridade do Chefe da Igreja, participando a Bênção Apostolica, que, como penhor de gratidão e benevolencia, do coração lho concede.

Revo por esta occasião os protestos de perfeita estima com que sou

Do V. Sr.ª Ill.ª e Revd.ª servo

Roma, 7 de dezembro de 1885.

Mgr. E. Correia de Bastos
Pina, Bispo de Coimbra.

L. Cardeal Jacobini.

Do discurso de Sua Santidade o Papa, dirigido ao Sacro Collegio em 24 de dezembro passado, extractamos o seguinte trexo, que mostra assaz a importancia d'esse notavel documento, que não podemos dar na sua integra:

«Mas quando mesmo não acontecesse nada d'isto, quando mesino aquelles que teem em Roma o poder mostrassem ter pela Igreja e pelo seu Chefe a maior deferencia, não se devia julgar que a condição actual do Pontifice Romano se tornasse por isso digna ou ao menos toleravel emquanto fôr um facto evidente e notorio que Nós, em Roma, não estamos senhor do Nosso poder, mas á mercê d'outrem; emquanto a nossa liberdade e segurança depender do quem, de facto, mande em Roma, e de leis sempre variaveis, segundo as circumstancias politicas e as disposições mais ou menos mudaveis das maiorias, a condição do Soberano Pontifice será sempre intoleravel, e apesar de qualquer artificio que

se empregue para a mitigar, será sempre, como effectivamente o é por um vicio intrinseco e radical, inconciavel com a liberdade e independencia que convem ao Chefe Supremo da Igreja.»

Os fortes espiritos, porem, mesmo alguns que se dizem catholicos, sustentam que o Papa gosa de toda a liberdade. As palavras do Vigario de Jesus Christo e os factos mostram o contrario, infelizmente.

As senhoras de Grenoble, França realisaram ha pouco uma manifestação catholica imponentissima. Em Grenoble, como nossos leitores sabem, foram prohibidas as procissões, por ordem da auctoridade civil; mas as damas d'aquella cidade, não podendo tolerar um tal despotismo, organisaram uma espantosa procissão, composta só por ellas, sem sacerdotes, nem cruces, percorrendo todas as principaes ruas da cidade, rosando o santo Rozario, e cantando o *Ave Maris Stellu*, em meio de uma inorme multidão de povo, que se descobria reverente deante d'aquella torrente de fé e fervor religioso.

Como nós admiramos o proceder das catholicas filhas de Grenoble!

Vae construir-se em Vianna do Castello um formoso templo dedicado a Santa Luzia, no monte da mesma invocação.

O nosso collega o «Porvir» davamos em seu numero 13 o desenho da fachada principal, que achamos elegantissima. Dando os parabens aos catholicos de Vianna do Castello, fazemos votos porque seja breve realisado, o que é apenas projecto.

Uns homens que só olham para os seus interesses, estes Bispos! Onde apparecer um Bispo, inqueri da sua vida e sabeis que elle não faz senão mal ao povo. O Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Bispo de Vizeu, para não ficar fóra da regra geral, e para *augmentar* os seus haveres, vae crear no Seminario Episcopal da sua Diocese uma escola de musica. Merece os encomios de todos os bons filhos de Vizeu e de Portugal um tal melhoramento, e por isso damos a S. Exc.^a Revd.^{ma} os mais freneticos parabens.

Para não irmos mais longe temos tambem na propria Diocese provas da *nenhuma* caridade dos Bispos, como se vê da seguinte noticia, que com prazer transcrevemos do nosso respeitabilissimo collega bracarense a «Cruz e Espada»:

«S. Exc.^a Revd.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz, para commemorar o Nascimento do Redemptor, mandou dis-

tribuir do cofre das multas esmolas na importancia de 451\$500 réis; sendo contemplados todos os estabelecimentos e recolhimentos de caridade, os prezos da cadeia civil, os pobres das differentes freguezias da cidade, e ainda alguns asylos e recolhimentos da diocese.»

São assim os Bispos, esses mestres da verdade, esses discipulos dos discipulos de Jesus Christo.

Bem haja o nosso virtuoso Prelado, que tão bem sabe exercer a caridade, essa virtude sublime, que só a Religião santissima de que é apostolo podia crear.

Digam lá o que quizerem dos governos de Portugal; mas o que se hade confessor é que elles, pelas missões no ultramar são d'um zelo pasmoso. Ora lêa-se a seguinte noticia que achamos no «Macaense», nosso collega da India:

«Eis o que de Timor dizem em carta particular com data de 26 de setembro ultimo.

«O Pe. Gomes lá anda visitando as missões do interior, apesar do governo não lhe fornecer meios de transporte. Mas veja o que sam as cousas:

Estava o bom Pe. Gomes em Maubara impaciente por não poder seguir para diante por falta de transporte, quer particular, quer do governo, e assim o participara para Dilly, quando aqui chegou mr. A. Langen a bordo do vapor allemão *Iluna*. Não sei se conhece pessoalmente este cavalheiro, mas de tradição por certo. Foi o que offereceu á missão cincoenta paus-ferro para o collegio de Lahane.

Mr. Langen apenas desembarcou, procurou-me, como sempre costuma, no que sobremodo me honra, e perguntou-me pelo Pe. Gomes.

Disse-lhe que andava em peregrinação evangelica e que, por signal bem contrariado estava n'esta occasião por não poder proseguir na sua viagem por falta de transporte.

Quiz logo saber onde elle estava e respondendo-lhe eu que em Maubara, immediata e espontaneamente offereceu o vapor para o conduzir a Ocussi, ou mais adiante se elle quizesse. Que lhe parece? Um estrangeiro e ainda por cima protestante!

Isso espalhou-se logo; pois nom assim o governo providenciou e tinha o vapor *D. João* fundeado no porto! E lá foi mr. Langen a Maubara.—dois dias depois de aqui chegar e de ter jantado em Lahane, onde os bons padres lhe prepararam aposento que elle não acceitou—receber a bordo do *Iluna* o Pe. Gomes que foi agradavelmente surprehendido e que só assim pôde seguir ávante.

Portugal é uma nação pequena, mas

s portuguezes ainda sam mais pequeninos; já houve tempo em que os portuguezes foram grandes embora o paiz não fosse maior do que é hoje.

Triste!

E não nos concordamos.

Sempre promptos para tudo que seja paspalhico e refractarios ao que é util.

Não ha nos cofres publicos vinte ou trinta mil réis para fretar um barco em que o superior da missão possa visitar as christandades da ilha,—missão civilisadora e santa—mas manda-se o vapor *D. João* com cincoenta praças commandadas por um tenente a Lacló prestar honras militares aos restos mortaes de dois regulos fallecidos ha mais de cincoenta annos e que ainda estavam insepultos! Um caso virgem, (o das honras militares) que deu aqui muito que fallar.

O' paspalhico! O' Portugal! Que bem fez mr. Langen em nos dar esta lição!

Este cavalheiro, apesar de protestante é grande entusiasta das missões catholicas e sobre todas da missão de Timor, que elle não se cansa de elogiar.

E não ha de uma pessoa desancar esta pirangada de governichos?

Olhe, meu querido amigo, estampe esta parte da minha carta no *Macaense*. Fogo para cima d'elles. Sucia! E basta de massada.»

Elle tambem, o *pobre* do governo, como hade gastar dinheiro com as missões, com os padres; com as missões que civilisam os povos, com os padres que são os verdadeiros apostatas da civilisação, se elle tem de o gastar com o theatro, com os comicos; com o theatro que é a escola da desmoralisação na actualidade, com os comicos, que são os sacerdotes da mais desenfreada pouca-vergonha?

E' verdade! O dinheiro do povo não chega para custear convenientemente as nossas missões, mas chega para se pagarem luxuosas aposentações aos comediantes, como se vê da seguinte lista, que os jornaes publicavam ha dias, das mensalidades que o Estado paga a diversos actores ou comicos aposentados. Pasme-se:

«Que nos lembre estão actualmente aposentados os seguintes actores:

Santos.....	72\$000
Taborda.....	72\$000
Cesar de Lima.....	72\$000
Pinto de Campos.....	72\$000
João Rosa.....	72\$000
Emilia Adelaide.....	72\$000
Gertrudes.....	72\$000
Talassi.....	48\$000
Emilia dos Anjos.....	48\$000
Polla.....	48\$000

Cesar de Lacerda.....	485000
Moreira.....	485000
E. Letroublon.....	365000
Radicci.....	245000
Joanna Carlota.....	245000

Somma..... 8285000

O que multiplicado por 12 dá a pequena quantia de 9:936,5000 reis !!

E não ha dinheiro para as Missões, não ha dinheiro para conegos, porque se gasta com pantomineiros, com homens que passam vida regalada á custa do povo que desmoralizam.

Prestou juramento como par do reino, na sessão de 11 do corrente, toman-lo assento na Camara Alta o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. D. José Alves de Mariz, ha pouco confirmado Bispo de Bragança e Miranda. Foi S. Exc.^a Revd.^{ma} o primeiro Prelado que na presente legislatura deu entrada na Camara dos Pares.

Partiu para S. Martinho do Campo, conceiho de Vallongo, para onde fôra nomeado abbade o Revd.^{mo} Snr. Padre Francisco Xavier de Sousa Carneiro, respeitavel sacerdote vimaranense, a quem esta cidade deve o estado prospero e imponente a que tem chegado a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Apesar de estar longe, não se esquecerá o nosso amigo da sua obra.

Imponentissimas foram as festas realisadas no Collegio do Itú, no Brazil, derigido pelos padres Jesuitas. Assistiu a tão sympathica festa o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. Bispo de Olinda, que para esse fim ali fôra, bem como outras pessoas distinctas.

Festas religiosas, representações theatraes, jantares, etc., etc., tudo ali houve, e tudo na melhor ordem. Ao jantar assistiram mais de 400 alumnos, pela maior parte pertencentes ás primeiras familias do Imperio.

Cousas dos jesuitas, e de um paiz que os tolera oficialmente!

O nosso governo, no *louravel* intento de nem zelar os interesses do thesouro, nem os dos proprietarios dos foros, quando lhe dá na *thelha*, depois de convencido de que ninguém quer possuir o que é dos outros, levanta pregão na folha official de que taes foros voltam á praça com o abatimento de 90 por cento; isto é, o que vale 15000 reis vae á praça pela modica quantia de um tostão!

Em virtude d'esta *nobilissima* resolução, poz-se em praça, foros pertencentes ao Seminario de San-

tarem, no valor de 1.025,5187 reis, por 1025,519 reis!

Não é uma medida altamente financeira, esta que nos mostra o «Diario» n.º 1 de 1886? Não fica o Seminario de Santarem aliviado de uma *carga* que lhe *pesava* 922,5668 reis? *Bem* hajas governo!

O «Diario» n.º 4 já trazia mais medidas de alta financeria.

Sem fallarmos nos foros que vão á praça com o abatimento de 60, 70 e 80 por cento, e notando só os que vão com 90 por cento, que é conta mais redonda, temos foros pertencentes á Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães com o valor de 2.132,5888 reis, e que o governo, no *patriotico* empenho de que se acha poasuido, manda vender por 213,5880 reis! O que quer dizer: — o governo cercea os rendimentos da Real Collegiada na pequena somma de 1:919,5600 reis.

E ha quem se conspire contra os gavernos por acabarem com a Collegiada de Guimarães! Se elles não acabassem com ella, tinhamos de ver os conegos a morrer de fome, em vista das medidas financeiras que apontamos. Quer-nos parecer que os rendimentos da Real Collegiada ainda desappareceram primeiro que os conegos!

Esteve para acontecer uma desgraça, mas uma das desgraças que fazem, muitas vezes, tremer os thronos, baquear as instituições, safar dos mappas o nome de uma nação. O caso dera-se na Camara dos srs. Deputados da nação portugueza, na sessão de 15 de janeiro.

O sr. Elvino de Brito, condemnando a ausencia dos ministros em meio da Representação *nacional*, disse: «Esta ausencia dos snrs. ministros era um habito inveterado. Já lhe não parecia uma desconsideração para com os representantes da nação; parecia-lhe uma cobardia

O snr. Presidente, ou porque lhe soasse mal a palavra *cobardia*, ou porque tomasse como *troça* *algum successo* que *houve na sala*, exigiu que o sr. Elvino de Brito retirasse a palavra *cobardia*.

O snr. Elvino de Brito, que não temos, graças a Deus, a honra de conhecer, mas que de certo, tremeu pelas instituições, e pela *honra e nobreza* da Camara, *disse que se referia só á cobardia politica*.

Nem isto bastou para satisfazer o snr. Presidente, que, louvando a sinceridade do deputado, *desejava S. Exc.^a substituisse a palavra que proferira por outra mais parlamen-*

tar. Pelo que se vê que no Parlamento não é crime nem má criação chamar ou pronunciar qualquer nome feio; o que sim é necessario, é que esse nome seja *parlamentar*.

E por isso o sr. Elvino de Brito, que tremia ainda pela existencia da Camara de que é membro, *declarou que não tinha duvida em substituir a palavra por—fraqueza, falta de coragem, ou outra que se julgasse mais propria...*

O que os representantes do povo vão fazer a Lisboa! Não seria melhor irem para uma escola onde se analisasse a nossa lingua? Mas, n'esse caso, já se entende, á sua custa.

O nosso collega de Barcellos, «O Tirocinio», appareceu-nos em seu n.º de 23 de janeiro fulto, zangado, seriamente desconcertado por causa de uns Missionarios que principiaram a prégar na egreja da real Collegiada de aquella villa. Permitta-nos o collega que estranhemos os seus azedumes e nenhuma delicadeza com que *inverte* com aquelles verdadeiros apóstolos, sem *grupho*, porque, com franqueza lhe páde chamar verdadeiros apóstolos, com o que nada perde como jornalista do seculo dezenove, d'este seculo que, no seu ultimo quartel, já se não envergonha de fazer verdadeira justiça aos frades.

E mais nos ha de o collega permittir que lhe diga, que errou quando escreveu que o Papa Clemente XIV extinguiu os frades franciscanos, essa melicia da Egreja, que todos os Papas tem protegido, que todos os povos tem reverenciado, que todos os seculos tem admirado. E errou segunda vez dizendo que os Missionarios do Varatojo em missão n'essa villa, são jesuitas, quando todos sabem que são franciscanos; e mesmo que jesuitas fossem não vemos que perigo houvesse com as suas praticas, antes pelo contrario.

Errou o collega terceira vez dizendo que amis são dos jesuitas *terminou com o grande desenvolvimento social*, porque não ha hoje pessoa alguma, de somenos instrução que seja, que não saiba que os jesuitas, são ainda hoje, e em todas as partes do mundo, os principaes e mais fortes motores do grande desenvolvimento social.

Desculpe-nos o collega estas nossas reflexões, e fique sabendo que nem o Papa extinguiu a Ordem do Santo d'Assis; nem os padres Varatojanos são jesuitas, e que os jesuitas são os primeiros apóstolos do seculo desenove em todas as sciencias, e os unicos auxiliares no progresso e na civilização dos povos.

J. de Freitas.